

A POLUIÇÃO SONORA SOB A PERSPECTIVA DOS ALUNOS E PROFESSORES DO CURSO DE TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO

Laudyana Aparecida Costa e Souza

Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Gleicca Sanábria de Almeida, João Marcos Coelho

Email: sadradi@hotmail.com

RESUMO

Os problemas ambientais urbanos têm se agravado devido a diversos aspectos sociais, econômicos, históricos, culturais, entre outros, que se relacionam com a vida das populações no meio urbano. Dentre estes problemas está a poluição sonora no âmbito escolar, ao qual ocasionam diversos danos relacionados à aprendizagem e a condição de trabalho dos educadores. Com isso, aplicamos uma pesquisa simples, abordando as questões que envolvem a poluição sonora no âmbito educacional de um instituto federal, além de apontar a educação ambiental como uma das alternativas para diminuir esse tipo de dano ambiental, promovendo o conhecimento ambiental e a importância de proteger e melhorar o espaço a sua volta, pois o bem-estar de todos os seres vivos do planeta e de suas futuras gerações dependerá das ações, práticas e atitudes que realizamos hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Poluição sonora, âmbito escolar, educação ambiental, problemas ambientais.

INTRODUÇÃO

Nas últimas épocas temos presenciado e participado do crescimento e desenvolvimento das cidades urbanas e de sua população, que necessitam de diversos pontos para sobreviverem na sociedade urbana, tais como: alimentos; moradia; segurança; saúde; educação; etc. Esse crescimento tem demandado um aumento da exploração da natureza, além de uma expansão territorial para se residir. Com isso, ocorreu também, um aumento da degradação ambiental, já que passaram a produzir: grande quantidade de detritos, de poluições (atmosférica, visual, sonora, etc.), de queimadas, de eutrofização de lagoas e rios, de microclimas urbanos, de edificações em detrimento das áreas arborizadas, entre outros. Os problemas ambientais urbanos têm se agravado devido a diversos aspectos sociais, econômicos, históricos, culturais, entre outros, que se relacionam com a vida das populações no meio urbano, já que as cidades estão, cada vez mais, crescendo em número de pessoas, em números de edificações, em números de carros, etc. Os sons estão presentes a nossa volta, através dos automóveis, das TVs e dos rádios, dos fenômenos da natureza, dos diálogos das pessoas, das construções civis, entre outros. Com isso, dentre os diversos problemas ambientais, a poluição sonora tem se revelado como um agravante para a nossa qualidade de vida, pois prejudica nossa saúde e provoca, cada vez mais, um crescente aumento de pessoas com problemas auditivos, independente de suas idades. Na esfera escolar, a emissão de sons acima do parâmetro adequado avaria o rendimento e a saúde dos alunos e dos professores, resultando em: baixa produtividade escolar; grande interferência na comunicação e na aprendizagem; estresse, danos auditivos, cansaço, entre outros. Neste trabalho, abordaremos as questões que envolvem a poluição sonora no âmbito educacional, realizando uma pesquisa com os estudantes e professores do Curso de Tecnologia em Gestão Ambiental do 1º, 3º e 4º semestre do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cuiabá – Bela Vista. Também enfocaremos nas alternativas para diminuir essa poluição ambiental, e, por fim, apontaremos as considerações finais que permeiam essas três temáticas.

PROBLEMAS AMBIENTAIS

Desde os primórdios da humanidade ocorreram exploração e degradação do meio ambiente para proporcionar a sobrevivência e o desenvolvimento biológico, social, econômico, etc. Contudo, as ações de exploração e degradação dos recursos naturais têm, atualmente, se extrapolado, devido às questões relacionadas à/aos: consumismo; pobreza e miséria; irresponsabilidade ambiental; desperdício e má utilização dos recursos naturais; crescimento populacional; etc.

Enfrentamos uma grande quantidade de problemas ambientais, como a poluição sonora, destinação do lixo, desperdício de água, queimadas, desmatamento, entre outros, que nos fazem refletir sobre quais são suas causas e o que podemos fazer para que esses males não ocorram, ao menos não em tanta quantidade.

O crescimento populacional que vivenciamos tem provocado diversas degradações e explorações demasiadas do meio ambiente, pois cada indivíduo necessita, basicamente, de: moradia (que ocupa um determinado espaço de solo); alimentação (vinda de campos e hortas de plantação e/ou fazendas de animais); roupas (de origem animal, sintética ou de plantas); água (para beber, lavar, banhar-se, molhar plantas, etc.); trabalho (que lhe permite se relacionar com os demais, em um determinado local); e atividades de lazer/entretenimento (que promova distração do cotidiano, uma 'reciclagem' psicológica e social).

Os problemas ambientais urbanos decorrem da expansão desordenada da urbanização, sem refletir sobre quais territórios seriam utilizados, quais seriam os recursos naturais disponíveis, a destinação de detritos e resíduos, os meios de transporte de mobilidade da população, os serviços públicos oferecidos com qualidade, etc. Esses questionamentos estão relacionados com a forma pela qual os meios urbanos conduziram e conduzem o seu desenvolvimento sobre os recursos naturais e ambientais (GROSTEIN, 2001, p.14). "No Brasil, o processo de ocupação do solo urbano, feito de forma acelerada, provocou inúmeros impactos no ambiente, alterando suas características. Nos anos 1940, o país apresentava 70% de sua população morando no meio rural, já em 2005, a urbanização foi de 85%. Em apenas cinquenta anos, o país passou de rural para urbano. O período mais marcante dessa inversão foi entre os anos 1960 e 1980, em que as principais causas relacionadas ao processo de urbanização foram, sobretudo, ligadas à falta de políticas de fixação do homem no campo; à concentração de terras, com monocultura e mecanização; ao crescimento da industrialização, com necessidade de mão de obra; à ilusão de 'progresso' e à melhoria de qualidade de vida na cidade (PERES, 2011, p. 173)."

Apesar da necessidade da humanidade em explorar e degradar o meio ambiente é possível realizá-lo de modo sustentável, devolvendo também à natureza o equilíbrio necessário para a sua existência, para que então possamos conviver harmonicamente, no ciclo da vida e do desenvolvimento natural de cada ser.

Outra causa dos problemas ambientais é proveniente da pobreza, que está relacionada às condições precárias em que pessoas lutam pela sua sobrevivência, sem se preocupar, obviamente, com as degradações que provocam ou que ocorrem no meio ambiente, pois não é sua prioridade. Os indivíduos que se encontram nessa situação tendem a ter muitos filhos, devido a alguns motivos como não haver possibilidade e/ou cultura de evitar uma gravidez, ou para possibilitar a sobrevivência da família e dos seus membros mais velhos, ao servirem como trabalhadores que trazem o sustento e como futuros responsáveis dos familiares mais idosos. Além disso, muitas pessoas morrem devido à fome ou às doenças infecciosas decorrentes da ausência de ações de prevenção em saúde e de acesso aos serviços de saúde, e, também, pelo contato constante de áreas contaminadas, poluídas e/ou degradadas (MILLER JR, 2008, p. 12).

Uma terceira causa dos problemas ambientais está relacionada com o consumismo excessivo dos produtos produzidos através dos recursos disponíveis na natureza e/ou criados artificialmente.

Esse fator afeta condições sociais, econômicas, culturais e, principalmente, ambientais, pois é encarado como uma 'necessidade' recorrente das pessoas, que consideram a ideia de quantidade igual à qualidade e/ou felicidade. Outro ponto em questão envolve os indivíduos que trabalham muito para pagar o que almejam, mas, por vezes, acabam contraindo dívidas, cada vez maiores, para se contentarem em agradar seus desejos de possuírem algo que ainda não tem, e que, em sua maioria, não precisam realmente. Ocorre, então, a cultura do consumismo, na qual as pessoas são valorizadas por aquilo que possuem. O último ponto dessa questão está relacionado com a quantidade de lixos produzidos pelo excesso de consumo de produtos, independente de quais sejam, sem se preocupar com a reciclagem e/ou reutilização desses produtos, que, também, são mal armazenados e mal colocados (MILLER JR, 2008, p. 13).

Uma quarta causa dos problemas ambientais é constituída a partir de uma cultura em degradar e explorar de modo irresponsável os recursos naturais, sem se preocupar com as consequências dos seus atos.

Essa irresponsabilidade ambiental decorre, entre outros, da ideia equivocada de que a natureza, por si só, cuidará de se restabelecer dos problemas que enfrenta. A verdade, no entanto, é que a natureza sempre seguiu um ciclo harmônico de vida, sendo drasticamente alterado desde que ocorreu a interferência do homem nela.

A interferência humana no meio ambiente resultou na sua exploração e degradação, que aumentaram conforme a humanidade evoluiu e se desenvolveu.

Com o aumento da exploração e degradação ambiental surgiram pessoas, movimentos sociais, grupos e/ou conjuntos que lutaram e lutam por um desenvolvimento sustentável, sem prejudicar tanto os recursos naturais. Contudo, também há aqueles indivíduos que não se importam com os problemas ambientais e suas consequências para a existência da humanidade, ora por simples descaso ou falta de consciência ambiental que esses problemas podem causar a essas pessoas ou às futuras gerações, ou ora por estarem envolvidos por mitos, culturas e ritos passados de geração a geração, e que, por vezes, não é questionado, ainda, por aqueles que apenas o reproduzem.

POLUIÇÃO SONORA NO ÂMBITO ESCOLAR

O âmbito da sala de aula merece grande atenção científica relacionada aos problemas surgidos nesse espaço, pois, dependendo desses problemas, a aprendizagem dos estudantes estará em risco.

Os problemas ocorridos na sala de aulas são os mais variados, como os desentendimentos entre os alunos e/ou entre os professores, a falta de qualidade estrutural e arquitetônica, ausência de equipamentos e instrumentos para desenvolver uma aula, etc. Dentro dessas questões, está a poluição sonora, que nem sempre produz efeitos prejudiciais de curto prazo, mas que são irreversíveis futuramente.

A poluição sonora na sala de aula pode advir das conversas paralelas, dos aparelhos eletrônicos, como celular, notebook e MP3, dos aparelhos elétricos como ventiladores e ar-condicionado, dos barulhos emitidos no exterior da sala, seja no corredor da escola, no trânsito de automóveis dos logradouros que a envolvem, dos sons vindos de construções, entre outros.

Entre os fatores prejudiciais da poluição sonora no âmbito escolar está o fato de que, “atrapalha ou mesmo impede a comunicação oral e pode trazer consigo alguns malefícios físicos, emocionais e educacionais. Ou seja, este ruído pode trazer alterações nos limiares de audição e/ou zumbido; cansaço, pois o aluno precisa despender um esforço maior para se concentrar durante 4 horas de aula, o professor terá um esforço redobrado para manter sua voz em intensidade maior para ser ouvido (disfonias, edemas de cordas vocais, fendas, etc.), prejuízo na aprendizagem, pois o aluno poderá perder parte do conteúdo, ou mesmo, receber a mensagem alterada (distância do professor até o aluno, reverberação, troca de fonemas devido ao mascaramento dos traços distintivos da fala, etc.) (DREOSSI; e MOMENSOHN-SANTOS, 2004, p.39-40).”

O planejamento de construção das escolas nem sempre se leva em conta os locais que a envolvem (ruas, aeroportos, hospitais, etc.) e quais as reais qualidades dos materiais utilizados, podendo prejudicar futuramente a acústica do âmbito escolar.

Em relação à direção escolar, está a questão de como é administrado os sons emitidos pelos alunos, professores e outros profissionais que trabalham na escola, seja dentro ou fora da sala e/ou no horário ou fora do horário de aula (intervalos, realização de atividades físicas, refeições e lanches, etc.). Muitas vezes, não há acompanhamento dos alunos fora da sala de aula, que permanecem no espaço da escola, agindo conforme sua vontade, provocando inclusive diversos barulhos.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida no dia 10 até o dia 13 de abril de 2012, com os alunos e professores do Curso de Tecnologia em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cuiabá – Bela Vista, nos respectivos semestres: 1º, 3º e 4º.

O instrumental utilizado foi um questionário específico para os estudantes (com 7 perguntas de múltipla escolha) e outro para os docentes (com 9 perguntas de múltiplas escolhas e 1 pergunta aberta).

Ao todo, obtemos a participação de 47 alunos e 6 professores.

RESULTADOS OBTIDOS COM ALUNOS

O questionário respondido pelos 47 discentes teve 7 questões de múltipla escolha, possibilitando aos participantes preencherem as opções que mais aproximarem a sua realidade em relação à poluição sonora em sala de aula.

No primeiro questionamento (Figura 1), referente ao período de estudo, os sujeitos da pesquisa responderam que, 100% estudam no turno matutino, desses, apenas 2,13% também frequenta o período noturno.

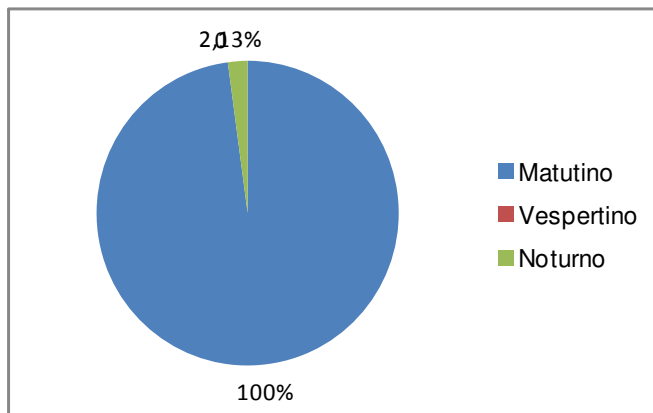


Figura 1: Períodos de estudo. Fonte: Autores do trabalho.

No segundo questionamento, sobre a sala de aula dos estudantes (Figura 2), 8,51% colocaram que a sala é silenciosa, 78,72% disseram que é normal, e 12,76% responderam que é barulhenta.

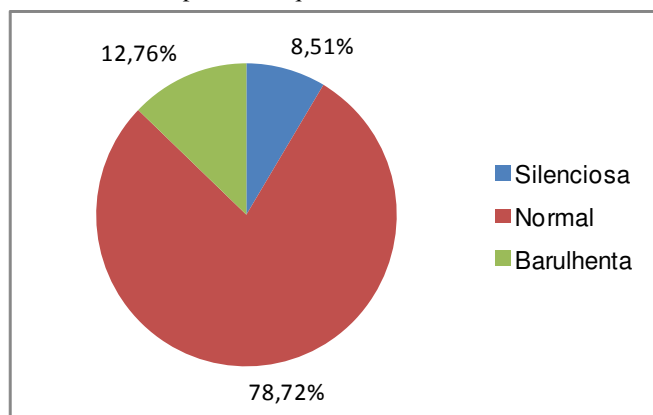


Figura 2: Sonoridade da sala de aula. Fonte: Autores do trabalho.

No terceiro questionamento, sobre a conversa em sala de aula (Figura 3), 6,38% responderam que conversam sempre, 72,34% colocaram que conversam às vezes, e 21,27% nunca conversam em sala de aula.

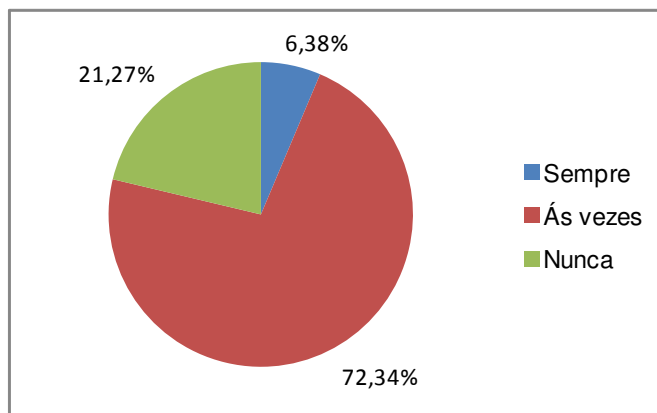


Figura 3: Conversa em sala de aula. Fonte: Autores do trabalho.

No quarto questionamento, sobre a escuta da fala do professor em sala (Figura 4), 70,21% responderam que sempre escutam o docente e 29,78% colocaram que o escutam às vezes.

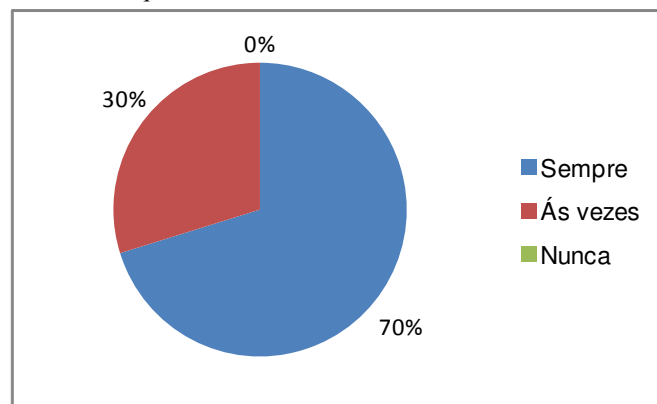


Figura 4: Escuta da fala do professor em sala de aula. Fonte: Autores do trabalho.

Ainda no quarto questionamento, dos alunos que responderam essa questão, apenas 10 apontaram quais poderiam ser os motivos para não escutar adequadamente o professor em sala de aula. Desses, 10% apontaram que tem problema de audição, 30% colocaram a existência de ruídos externos e 60% disseram que há conversas paralelas dos colegas.

No quinto questionamento, sobre se o barulho (ruído) atrapalha seu rendimento escolar (Figura 5), 72,34% afirmaram que sim, 19,15% colocaram que não, e 8,51% responderam que não sabem dizer se prejudica ou não.

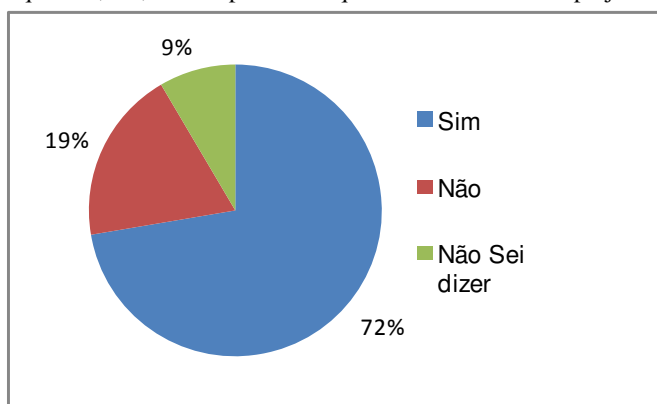


Figura 5: Barulho e o rendimento escolar. Fonte: Autores do trabalho.

No sexto questionamento, sobre quais seriam as possíveis soluções para o ruído no recinto escolar (Figura 6), 23,40% disseram que é necessário uma melhoria na estrutura física das aulas (conforto acústico), 2,13% apontaram a utilização de equipamentos com microfones, caixas de som, e 78,72% afirmaram que é preciso uma conscientização do problema com todos colaborando.

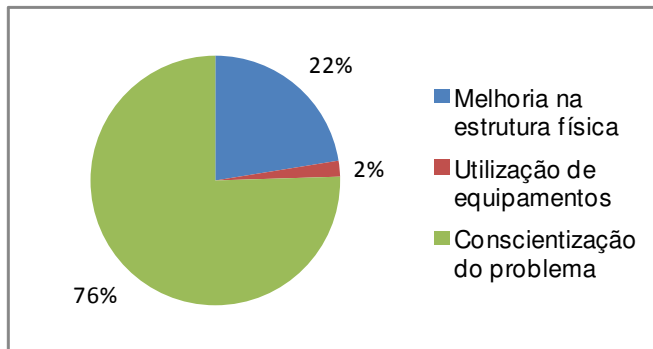


Figura 6: Soluções para diminuir o barulho na sala de aula. Fonte: Autores do trabalho.

No sétimo questionamento, sobre o uso de aparelhos eletrônicos em sala (Figura 7), 46,80% dos discentes responderam que prejudicam o rendimento escolar, 40,42% afirmaram que às vezes atrapalha, e 12,76% apontaram que nunca os atrapalharam.

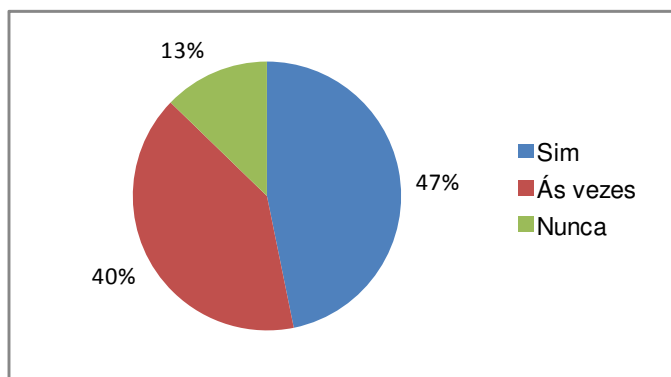


Figura 7: Utilização de aparelhos eletrônicos em sala de aula. Fonte: Autores do trabalho.

RESULTADOS OBTIDOS COM PROFESSORES

O questionário respondido pelos 6 docentes teve 9 questões de múltipla escolha e 1 questão aberta, possibilitando aos participantes preencherem as opções que mais aproximarem a sua realidade em relação à poluição sonora em sala de aula.

No primeiro questionamento, referente ao sexo dos participantes (Figura 8), 66,67% é do sexo masculino e 33,33% do sexo feminino.

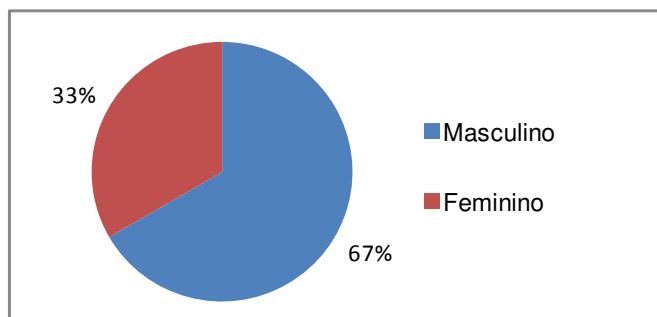


Figura 8: Sexo. Fonte: Autores do trabalho.

No segundo questionamento, sobre o tempo de serviço em sala de aula, 50% respondeu que trabalha há menos de 10 anos e o restante colocou que está há mais de 10 anos em sala de aula.

No terceiro questionamento, sobre o turno predominante de serviço (Figura 9), 33,33% colocaram como respostas o período matutino, 44,44% disseram que é no turno vespertino, e 22,22 afirmaram o turno noturno.

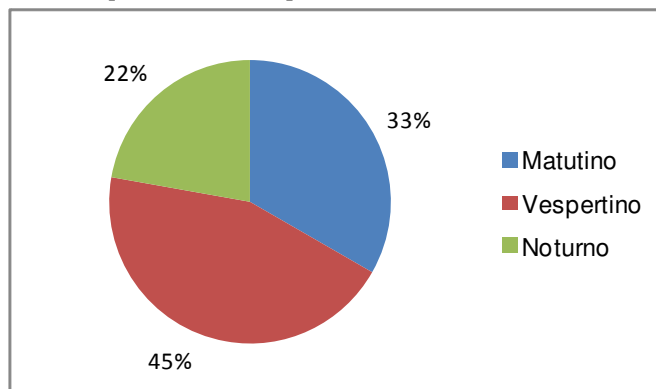


Figura 9: Turno predominante de trabalho. Fonte: Autores do trabalho.

No quarto questionamento, sobre o grau de satisfação do trabalho em relação aos ruídos, todos colocaram que o nível de satisfação é médio.

No quinto questionamento, sobre o comportamento dos alunos em relação aos ruídos internos e externos da sala, 50% disseram que são regulares (não atrapalham), os demais colocaram que são ruins.

No sexto questionamento, sobre o rendimento dos alunos com a interferência de ruídos (Figura 10), 66,67% responderam que prejudica sim, os demais colocaram que às vezes atrapalha.

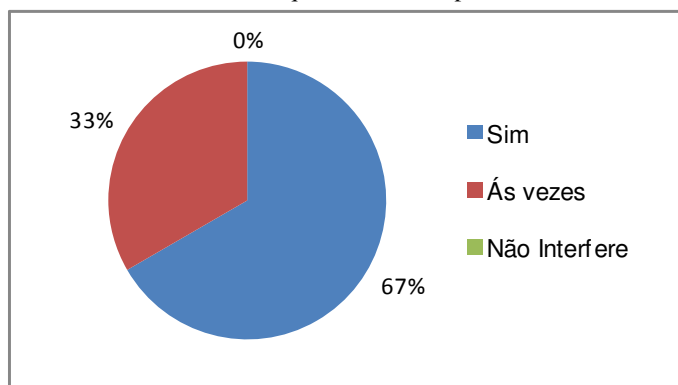


Figura 10: Rendimento escolar com a interferência de ruídos. Fonte: Autores do trabalho.

No sétimo questionamento, sobre o aparecimento de algum problema de audição (Figura 11), 33,33% afirmaram que sim, os demais responderam que nunca tiveram.

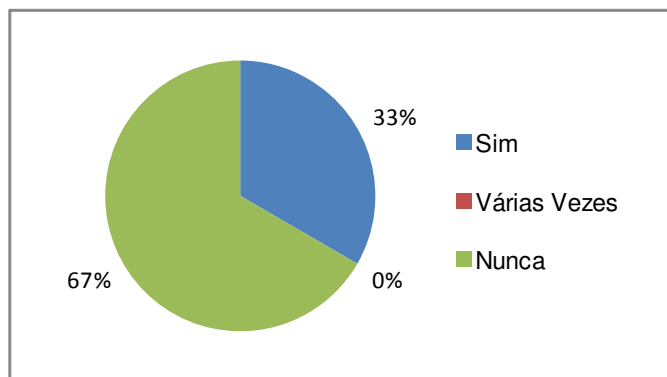


Figura 11: Ocorrência de problemas de auditivos. Fonte: Autores do trabalho.

No oitavo questionamento, sobre o aparecimento de algum problema da fala devido ao barulho da sala de aula (Figura 12), 83,33% disseram que sim, os demais responderam que nunca.

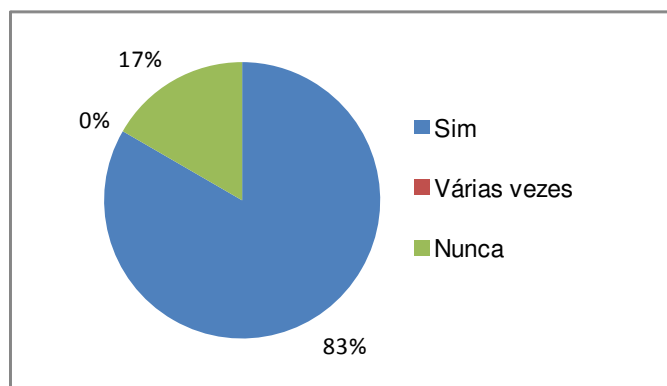


Figura 11: Ocorrência de problemas na fala. Fonte: Autores do trabalho.

No nono questionamento, sobre as possíveis soluções para os ruídos no âmbito escolar (Figura 13), 28,57% responderam que são necessárias melhorias na estrutura física, outros 28,57% disseram que são úteis os equipamentos como microfone e caixa de som, e 42,86% afirmaram é essencial à conscientização desse problema na sala de aula.

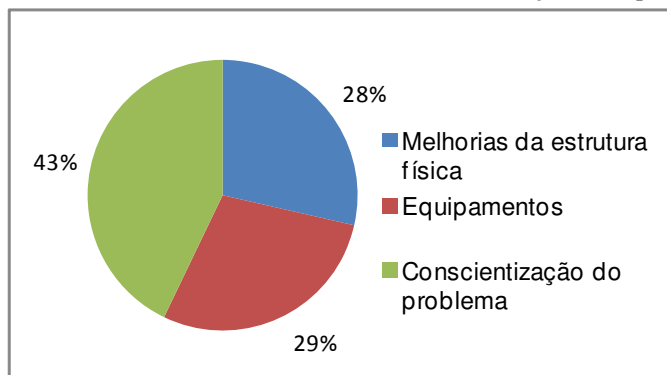


Figura 12: Possíveis soluções para os ruídos no ambiente escolar. Fonte: Autores do trabalho.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

As degradações ambientais trouxeram, às populações contemporâneas, a necessidade de buscar alternativas para reverter suas consequências, melhorar a situação ambiental em que vivemos, e possibilitar as futuras gerações um meio ambiente adequado e sustentável para a sua existência. Para isso foi idealizado a perspectiva da educação ambiental, que tem

como finalidade instigar nas pessoas a apreensão dos conhecimentos, atitudes e ações relacionadas às questões ambientais, e pô-las em prática e ativamente, sendo um dos atores sociais envolvidos para a transformação da atual realidade ambiental e social. Essa alternativa pode ser desenvolvida em escolas, faculdades, empresas, igrejas, associações comunitárias, instituições públicas, sindicatos, na própria família, etc. “A necessidade de abordar o tema da complexidade ambiental decorre da percepção sobre o incipiente processo de reflexão acerca das práticas existentes e das múltiplas possibilidades de, ao pensar a realidade de modo complexo, defini-la como uma nova racionalidade e um espaço onde se articulam natureza, técnica e cultura. Refletir sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para compreender a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e compromissado com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber. Mas também questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevalentes, implicando mudança na forma de pensar e transformação no conhecimento e nas práticas educativas (JACOBI, 2003, p. 191).”

A área ambiental está, atualmente, tendo uma maior evidência, ao ser problematizada em trabalhos científicos, em discussões mundiais e regionais, e em projetos que visem a preservação ambiental e a utilização sustentável dos recursos naturais. A discussão da problemática ambiental envolve diversos aspectos que envolvem as sociedades, como as questões culturais, que reproduzem e repassam ações e ritos tão prejudiciais ao meio ambiente, e como as questões econômicas, relacionadas às atividades de instituições privadas e/ou particulares que degradam o meio ambiente, para enriquecer sem se preocupar com as consequências.

A educação ambiental faz parte de um processo de aprendizagem e de conhecimento de todos os indivíduos inseridos na sociedade, enquanto cidadãos que possuem direitos e deveres. Os indivíduos estão presentes no meio ambiente tomando decisões e realizando ações que afetam tudo e todos ao seu redor, sendo que, por algumas vezes, não se responsabiliza sobre o que foi feito, e, nem se preocupar e refletir e mudar suas atitudes e ações. “Somos educados para atuar em organizações hierarquizadas, em que a/o chefe toma a decisão, e as/os demais seguem as ordens. Não há o hábito de praticar a horizontalidade, típica das redes, em que cada medida será discutida pelo conjunto dos indivíduos. Numa organização horizontal, todos decidem juntos e todos terão responsabilidade igual pelas consequências do que se fizer (BRASIL, 2008, p. 47).”

Nos últimos tempos, a mídia tem colaborado de maneira significativa para repassar alguns conhecimentos ambientais, abordando alguma temática ambiental, seja através de notícias, entrevistas, imagens, discussões, entre outros, fazendo com que as pessoas possam se identificar com o meio em que vivem, sentindo-se responsáveis pelo que se é feito nele. Mas, apesar desse e de outros meios se expressarem, divulgarem e incitarem debates, os impactos no meio ambiente necessitam de um enfoque maior, devido a sua importância para a existência da humanidade. “Os impactos ambientais surgiram no momento em que o homem começou a evoluir em seu modo de vida e eles ocorreram em função do modo como as sociedades foram construindo suas cidades. Desde os mais distantes antepassados do homem, a natureza vem sendo transformada de alguma forma. Com a revolução agrícola, há aproximadamente 10.000, o impacto sobre a natureza começou a aumentar gradativamente, em decorrência da derrubada das florestas, para permitir a prática da agricultura e da pecuária. Com a revolução industrial, nos séculos XVIII e XIX, os impactos ambientais passaram a crescer em ritmo acelerado, pontuando um momento no qual a capacidade humana de alteração do meio e de utilização dos recursos naturais aumentou vertiginosamente, chegando a provocar um desequilíbrio não mais localizado, mas em escala global (PERES, 2011, p. 175).”

Com os impactos e degradações ambientais vivenciamos um momento em que são buscadas inúmeras alternativas para impedir o definhamento de nosso meio ambiente, sendo necessário um protagonismo social capaz de incentivar os demais para se atentarem e realizarem ações interventivas, e não apenas cobrar do Estado e/ou de outros indivíduos aquilo que é dever de cada um e de todos ao mesmo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da vida humana na terra, os seres humanos buscaram transformar os recursos obtidos na natureza em benefício próprio, sem ainda se preocupar sobre as consequências dessa ação. O homem transformou e transforma o meio ambiente e a si mesmo, se desenvolvendo de modo intelectual, moral e social, proporcionando à humanidade expandir seu conhecimento e melhorar a sua qualidade de vida.

Contudo, essa evolução gerou conflitos, entre próprios humanos e entre esses e o meio e os outros seres vivos que o cercam. Esses conflitos desencadearam disputas para alcançar uma superioridade de certos indivíduos sobre tudo e todos, resultando em guerras, concorrência de indústrias e empresas, enriquecimento próprio, desigualdades sociais e econômicas, preconceitos e racismos, entre outros.

Dentro desses acontecimentos, também ocorria degradações ambientais, que não eram tão consideradas como são atualmente. Após as inquietações mundiais, as sociedades passaram a se atentar para as questões ambientais e os recursos naturais utilizados, verificando, a existência de problemáticas ambientais que deveriam ser estudadas e discutidas, pois estava em jogo a existência das futuras gerações. Com isso passaram a elencar quais seriam os problemas ambientais existentes e as opções para reverter ou diminuir os danos já causados.

Nesse momento, de intervir sobre as questões que envolvem as ações e práticas que degradam o meio ambiente, é que surge a alternativa de implantar nos aspectos educacionais dos seres humanos a perspectiva da educação ambiental.

A educação ambiental promoveria o conhecimento ambiental e a importância de proteger e melhorar o ambiente a sua volta, pois o bem-estar de todos os seres vivos do planeta e de suas futuras gerações dependerá das ações, práticas e atitudes que realizamos hoje. “Partimos da idéia de que a Educação Ambiental (EA), enquanto prática educativa, integra um conjunto de relações sociais que se constitui em torno da preocupação com o meio ambiente e que poderíamos chamar de campo ambiental. Este campo, no Brasil, resulta de um processo histórico de articulação das políticas nacionais e internacionais relativas ao meio ambiente e à educação, bem como da inter-relação entre movimentos sociais e ambientais que se mundializaram, aumentando a sua esfera de influência recíproca. Neste sentido, a questão ambiental e, conseqüentemente, a EA no Brasil, não pode ser compreendida fora de um sistema de relações mundializadas, não sendo, portanto, nem um processo exclusivamente interno da sociedade brasileira (autóctone), nem apenas uma percepção forjada de fora para dentro (exógena) (BRASIL, 2008, p. 13).”

A humanidade deve se desenvolver adequadamente e com discernimento, sem causar danos incalculáveis aos indivíduos e ao meio ambiente, como aqueles que acontecem atualmente: poluição sonora, do ar, da água, do solo, entre outros; desmatamento; queimadas; desperdício de recursos naturais; desequilíbrio ecológico; precário armazenamento e/ou distribuição de resíduos sólidos no meio ambiente; etc.

Toda ação e intervenção realizada pelo homem que venha a alterar o meio ambiente provocará uma consequência, que o afetará, direta ou indiretamente. Ainda não é tarde para rever essa situação, garantindo e melhorando a nossa qualidade de vida e a existências dos seres vivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Educação ambiental no Brasil. Série Salto Para o Futuro, Ano XVIII, boletim 01, 2008. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/164816Educambiental-br.pdf>. Data: 12 de fevereiro de 2012.
2. Dreossi, Raquel Cecília Fischer; Momensohn-Santos, Teresa M. A Interferência do ruído na aprendizagem. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 2, no. 64, p. 38-47, 2004.
3. Grostein, M. D. . Metrópole e expansão urbana: a persistência de processos “insustentáveis”. São Paulo em Perspectiva, vol.15, n°. 1, São Paulo, Jan./Mar. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n1/8585.pdf>. Data: 12 de dezembro de 2011.
4. Jacobi, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 118, p. 189-205, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>. Data: 12 de fevereiro de 2012.
5. MILLER JÚNIOR, G. Tyler. Ciência Ambiental. São Paulo: Thomson Learning, 2008.
6. PERES, Renata Bovo. Uso e ocupação do solo e impactos ambientais urbanos. In: SANTOS, Silvia Aparecida Martins dos (Orgs). Metodologias e temas socioambientais na formação de educadoras (es) ambientais (2001–2008). Cadernos do Cescar – Educação Ambiental – Caderno 2. Projeto Viabilizando a Utopia (ViU) 2005–2011. São Carlos/SP: Gráfica e Editora Futura, 2011.